



KATE ALCOTT

A  
COSTUREIRA

segredos, romance e morte  
no rastro do Titanic

TRADUÇÃO  
*Ana Carolina Mesquita*



GERAÇÃO



# A COSTUREIRA





KATE ALCOTT

# A COSTUREIRA



SEGREDOS, ROMANCE E MORTE  
NO RASTRO DO TITANIC

TRADUÇÃO:  
ANA CAROLINA MESQUITA



Copyright © 2013 by Kate Alcott

1ª edição — Fevereiro de 2013

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher

**Luiz Fernando Emediato (LICENCIADO)**

Diretora Editorial

**Fernanda Emediato**

Editor

**Paulo Schmidt**

Produtora Editorial e Gráfica

**Erika Neves**

Capa e Projeto Gráfico

**Alan Maia**

Preparação

**Márcia Benjamim**

Revisão

**Carmen Garcez**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Alcott, Kate

A costureira : segredos, romance e morte no rastro do Titanic / Kate Alcott ; tradução Ana Carolina Mesquita. -- São Paulo : Geração Editorial, 2013.

Título original: The dressmaker.

ISBN 978-85-8130-131-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-15653

CDD: 813

**Índices para catálogo sistemático**

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

**GERAÇÃO EDITORIAL**

Rua Gomes Freire, 225/229 — Lapa  
CEP: 05075-010 — São Paulo — SP  
Telefax.: (+ 55 11) 3256-4444  
Email: [geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br](mailto:geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br)  
[www.geracaoeditorial.com.br](http://www.geracaoeditorial.com.br)  
twitter: @geracaobooks

2013

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*



PARA FRANK, SEMPRE.







## AGRADECIMENTOS

Bons amigos nunca deixam de ler... quantas versões? Meus agradecimentos a vocês todos — Ellen, Irene, Judy, Linda, Margaret e minha irmã, Mary.

Esther, você é uma amiga e agente excepcional e ponta firme. Melissa, suas ideias e entusiasmo foram exatamente o que qualquer escritor espera de uma boa editora.

E Frank, você me presenteou com uma réplica magnífica do Titanic, apostando que o meu não iria afundar. Obrigada.





# 1



CHERBOURG, FRANÇA

*10 de abril de 1912*

Tess puxou os cantos dos lençóis que acabara de recolher do varal, tentou enfiá-los embaixo do colchão bem esticados e recuou para verificar seu trabalho. Ainda meio malfeito e amarfanhado. O supervisor que administrava a casa com certeza inspecionaria aquilo e torceria o nariz, mas isso já não importava mais.

Ela olhou pela janela. Uma mulher passava por ali, usando um chapéu esplêndido encimado por uma fita verde-escura brilhante e girando uma sombrinha vermelha, com uma expressão radiante e determinada. Tess tentou se imaginar andando assim com tanta confiança, sem ninguém para acusá-la de agir como se pertencesse a uma classe superior à sua. Quase podia sentir seus dedos ao redor do cabo macio e polido daquele guarda-chuva. Aonde estaria indo aquela mulher?

Olhou para trás, para a cama feita pela metade. Chega de fantasias, nem mais um minuto.

Andou para fora do quarto e parou, contida pela visão do próprio reflexo no espelho dourado de corpo inteiro do final ao corredor. Seus longos cabelos escuros, como sempre, tinham escapado do coque desalinhado, embora a curvatura de seu queixo, que normalmente lhe conferia um ar de arrogância, continuasse intocada. Mas não havia como negar o vergonhoso ponto crucial: o que ela viu foi uma jovem magricela com um vestido preto e um avental branco, carregando uma pilha de roupa suja e que usava um chapéu idiota de servente bem no alto da cabeça. Uma imagem de servidão. Arrancou o chapéu e atirou-o em direção ao vidro. Ela não era servente nenhuma. Era uma costureira, e das boas, e seria paga pelo seu trabalho. Tinha se equivocado ao aceitar aquele emprego.

Tess enfiou as roupas sujas pelo alçapão da lavanderia e subiu a escada para seu quarto no terceiro andar, desamarrando o avental pelo caminho. É agora. Chega de hesitação. Havia empregos disponíveis, disseram os estivadores, naquele navio gigantesco que estava partindo para Nova Iorque hoje. Ela correu os olhos pelo quartinho. Nada de valise: a patroa a pararia na porta caso soubesse que ela estava indo embora. O retrato de sua mãe, sim. O dinheiro. Seu portfólio, com todas as suas criações. Tirou o uniforme, colocou seu melhor vestido e enfiou algumas roupas de baixo, meias e seu único outro vestido em um saco de lona. Olhou para o vestido de baile inacabado que estava na máquina de costura, para os minúsculos lacinhos de veludo branco que ela havia prendido à mão com tanto esforço na seda azul enfunada. Outra pessoa teria de terminá-lo, alguém que fosse pago para isso. O que mais? Nada.

Respirou fundo, tentando resistir ao eco da voz de seu pai em sua cabeça: “Não seja metida”, repreendia ele. “Você é uma garota do campo, faça seu trabalho, mantenha sempre a cabeça baixa. Você recebe pagamento decente e suficiente; melhor não arruinar sua vida com tanta ousadia.”

— Não vou arruinar minha vida — sussurrou. — Vou transformá-la para melhor.

Enquanto saía do seu quarto pela última vez, ela quase podia ouvir a voz dele acompanhando-a, rouca e raivosa como sempre: “Cuidado, garota boba”.

• • •

As botas de salto de Lucile se prendiam nas tábuas de madeira apodrecidas sob seus pés enquanto ela abria caminho pela multidão no porto de Cherbourg. Ela ajeitou a estola de pele de raposa ao redor do pescoço, deliciando-se com a maciez felpuda do pelo espesso, e empertigou a cabeça, atraindo muitos olhares, alguns motivados pela visão de seus cabelos ruivos de tom vivo, outros por saberem quem ela era.

Olhou para a irmã, que andava rapidamente em sua direção, cantando alguma canção nova e girando uma sombrinha vermelha.

— Você gosta mesmo de bancar a jovial, não é? — disse.

— Tento ser uma pessoa agradável — murmurou a irmã.

— Não preciso competir. Você pode ficar com todas as atenções — disse Lucile com seu tom mais áspero e altivo.

— Ah, pare com isso, Lucy. Nenhuma de nós é deficiente nesse quesito. Nossa! Você anda rabugenta ultimamente.

— Se você fosse apresentar uma coleção de primavera em Nova Iorque dentro de poucas semanas, também estaria rabugenta. Tenho muito com que me preocupar com toda essa conversa de mulheres suspendendo as saias e achatando os seios. Você, por outro lado, só precisa escrever mais um romance sobre elas.

As duas começaram a se espremer para passar entre as dúzias de malas e baús, cujas dobradiças de metal cintilavam à luz que caía, enquanto suas saias de lã fina arrastavam camadas de poeira úmida que havia se transformado em sujeira.

— É verdade, as ferramentas da minha profissão são muito mais portáteis do que as suas — disse Elinor, distraída.

— Com certeza são. Estou sendo obrigada a fazer essa travessia porque não tenho ninguém competente o bastante para cuidar do

desfile, portanto eu mesma terei de estar presente. Então, por favor, não seja frívola.

Elinor fechou a sombrinha com um estalo e encarou a irmã, arqueando uma de suas sobranceiras perfeitas.

— Lucy, você é incapaz de ter senso de humor? Só vim aqui para lhe desejar *bon voyage* e acenar para você quando o navio partir. Devo ir embora agora?

Lucile suspirou e tomou fôlego, inspirando profundamente.

— Não, por favor — disse ela. — Gostaria tanto que você viesse comigo. Vou sentir sua falta.

— Adoraria ir com você, mas meu editor quer aquelas provas de impressão revisadas até o fim desta semana. — A voz de Elinor tornou-se radiante mais uma vez. — Mas você tem o Cosmo, que é um doce, embora ele não goste de poesia.

— Um defeito mínimo.

— Ele é um querido, o melhor presente que lhe deu foi um livro. Fui grosseira? Mas a verdade é que ele não tem nenhum gosto literário. — Elinor suspirou. — E sabe como ser chato.

— Tolice.

— Você sabe disso tão bem quanto eu. Onde ele está?

Lucile corria os olhos pela multidão, procurando a silhueta alta e angulosa de *Sir Cosmo Duff Gordon*.

— Esse atraso é enlouquecedor. Se tem alguém que consegue fazer as coisas funcionarem com eficiência, e na hora, é Cosmo.

— Claro. É o trabalho dele.

Lucile lançou um olhar furioso para Elinor, mas a irmã já estava olhando para outra direção, com uma expressão inocente.

• • •

No alto do morro, longe do atracadouro, em meio às mansões de tijolo que se espalhavam nos penhascos da costa da Normandia, Tess marchava escada abaixo até a sala de estar. À sua espera estava

a patroa, uma inglesa empertigada com lábios tão finos que pareciam ter sido costurados.

— Quero meu pagamento, por favor — disse Tess, escondendo o saco de lona nas dobras da sua saia. Ela viu o envelope que aguardava por ela na mesinha de canto perto da porta e começou a se inclinar naquela direção.

— Você ainda não terminou o vestido para a festa, Tess — disse a mulher em um tom mais ranzinza que o normal. — E meu filho mal conseguiu encontrar uma toalha no armário do corredor hoje de manhã.

— Agora ele irá encontrar. — Ela não voltaria lá em cima. Nunca mais se deixaria encurralar naquele armário de roupas de cama, mesa e banho, desvencilhando-se dos dedos magros e ansiosos do filho adolescente dela. Aquele envelope era seu; ela pôde ver seu nome escrito nele, e não estava disposta a ficar ali ouvindo as reclamações costumeiras antes de ele lhe ser entregue. Aproximou-se da mesa.

— Você já disse isso antes. Vou lá em cima agora mesmo para checar. — A mulher parou quando viu a garota estendendo a mão para apanhar o envelope. — Tess, eu ainda não o entreguei a você!

— Talvez não, mas eu já fiz por merecê-lo — disse Tess com cuidado.

— A má-criação não é nada admirável, Tess. Você tem andado muito misteriosa ultimamente. Se apanhar isso antes de eu entregar a você, terá ultrapassado os limites comigo.

Tess respirou fundo e, sentindo-se ligeiramente tonta, apanhou o envelope e segurou-o contra o corpo, como se ele pudesse ser arrancado de suas mãos.

— Então já ultrapassei — disse ela. Sem esperar resposta, abriu a porta de entrada ricamente ornada que ela jamais teria de polir de novo e rumou para o píer. Depois de tanto sonho e reflexão, tinha chegado a hora.

• • •

As docas estavam escorregadias por causa das algas. Com o coração acelerado, ela se espremeu entre o burburinho e o caos ao seu redor

e inspirou o ar penetrante e salgado que vinha do mar. Mas onde estavam as placas anunciando os empregos? Ela abordou um homem metido num uniforme com grandes botões de metal e perguntou num francês hesitante, e depois num inglês urgente, quem estava encarregado de contratar funcionários para a limpeza e a cozinha daquele novo e grande navio.

— Chegou tarde, minha cara, os serviçais já foram todos contratados e os passageiros logo estarão embarcando. Má sorte a sua, receio. — Ele deu-lhe as costas.

Não importava quanto ela sorrisse, seu plano estava ruindo. Que idiota... ela deveria ter ido antes. E agora? Engoliu o sentimento vazio de não saber o que viria a seguir e tentou pensar. Encontre famílias; procure crianças pequenas. Ela daria uma boa babá. Então ter sete irmãos e irmãs menores não contava como experiência? Ela estava pronta para isso, sem problema nenhum; só precisava encontrar a pessoa certa e dizer as coisas certas para conseguir o que queria. Ela não seria detida, não seria *mesmo*. Iria embora de qualquer jeito.

Mas ninguém lhe deu a mínima. Um casal inglês de idosos recuou quando ela perguntou se eles precisavam de companhia para a viagem. Quando se aproximou de uma família com crianças e ofereceu seus serviços, eles a olharam com desconfiança, sacudiram a cabeça com educação e se afastaram. O que ela esperava? Ela devia estar parecendo desesperada, com os cabelos desgrenhados e tudo o mais.

...

— Lucy, olhe aquela garota ali. — Elinor apontou um dedo delicado e bem cuidado para a frenética Tess. — Minha nossa, ela é uma beldade. Linda, de olhos grandes. Olhe só ela correndo para falar com as pessoas. Creio que está tentando entrar no navio. Você acha que ela está fugindo de alguém? Talvez da polícia? De um homem?

— Não tenho como saber, mas com certeza você vai tecer uma bela história com isso — disse Lucy, acenando para Cosmo, que se aproximava. Ele parecia, como sempre, meio alheio ao ambiente. Olhos frios, expressão calma; sempre no comando. Seguindo-o, em seus calcanhares, vinha um mensageiro tímido.

— Lucile, houve um problema... — Cosmo iniciou.

— Eu sabia — interrompeu Lucile, enrijecendo a mandíbula. — Foi Hetty, não é?

— Ela disse que não pode vir. Sua mãe está doente — informou o mensageiro. Ele se inclinou para a frente, quase numa reverência nervosa — o melhor que pôde, porque Lucile agora estava furiosa.

— Diga a essa garota que ela não pode desistir bem na hora de partirmos! Quem ela pensa que é? Se não embarcar conosco, está despedida! Você lhe disse isso? — Ela olhou carrancuda para o homem.

— Sim, madame — ele arriscou-se a responder.

Tess ouviu a confusão e parou, atraída pela visão das duas mulheres. Seria possível? Sim, uma delas usava o mesmo chapéu grandioso com a belíssima fita verde que ela vira da janela; e estava bem ali, distraidamente dando leves batidinhas no chão com a ponta daquela mesma sombrinha.

A voz aguda da outra mulher capturou sua atenção.

— Que desculpa miserável! — vociferou ela.

Alguém não tinha aparecido para a viagem, alguma espécie de empregado, e aquela pessoinha de cabelo ruivo vivo e batom cor de carmesim estava furiosa. Que aparência formidável tinha ela. Seu rosto de ossos marcantes, imóvel, não admitia concessões, e seus olhos arregalados pareciam capazes de mudar de suaves para duros em questão de segundos. Naquele momento, não havia nenhuma suavidade neles.

— Quem é ela? — perguntou Tess a um rapaz que se juntara ao grupo. Sua voz tremia. Nada estava dando certo.

— Você *não sabe*?

Ela olhou de novo para a mulher e notou como as pessoas diminuía os passos ao se aproximar, sussurrando, lançando-lhe olhares de admiração. Sim, havia algo familiar.

— Minha nossa... — disse ela num fio de voz. — É Lucile Duff Gordon.

— Óbvio. *Couture*, você sabe. E a outra mulher é a irmã dela, Elinor Glyn. Ela é de Hollywood, escreve romances. Alguns bastante escandalosos, na verdade.

Tess mal ouviu o que ele dizia. Aquela personagem irada era a estilista mais famosa do mundo, alguém cujos lindos vestidos ela havia visto nos jornais, e agora estava a poucos metros de distância. Era a sua chance — essa era a sua chance.

— Lady Duff Gordon, não acredito que estou vendo a senhora mesmo! — irrompeu Tess, abrindo caminho. — Eu a admiro tanto! A senhora é tão talentosa. Já vi fotos de seus vestidos que me fizeram sonhar. — Ela estava matraqueando, mas não se importava. A única coisa que queria era a atenção de Lucile.

A estilista a ignorou.

— Eu adoraria trabalhar para a senhora — implorou. — Conheço o ramo. Sou costureira, faço trabalhos muito bons, poderia ser de grande ajuda para a senhora. — Ela pensou, enlouquecida: e agora, o que dizer? — Sou ótima com casas de botões, qualquer coisa que a senhora necessite. Por favor...

— Ela está desesperada, eu lhe disse — murmurou Elinor com um risinho enquanto endireitava seu chapéu elaborado.

Lucile se virou na direção de Tess.

— Você sabe de que trabalho se trata? — inquiriu ela.

Tess hesitou.

— É para ser minha empregada pessoal. E agora, continua interessada?

— Tudo bem. — Qualquer coisa, qualquer coisa para entrar nesse navio. Trabalhar com Lady Lucile seria uma oportunidade inacreditável.

— Onde você trabalha hoje? O que faz?

— Eu... trabalho numa casa em Cherbourg. E faço vestidos. Tenho clientes muito satisfeitos.

— Uma servente, nenhuma surpresa — murmurou Elinor.

Lucile a ignorou.

— Seu nome?

— Tess Collins.

— Tessie. Ah, sei.

— Não. *Tess*.

— Que seja. Você sabe ler e escrever?

— Mas é claro! — Tess estava indignada.

Os olhos de Lady Duff Gordon se reviraram com admiração diante daquele arroubo.

— Referências?

— Posso pedir que sejam enviadas pelo correio. Qualquer coisa que a senhora quiser.

— Lá no meio do Atlântico?

— Sempre há um marconigrama. — Tess havia lido sobre eles e esperava que estivesse dizendo a coisa certa.

Lucile de repente se cansou daquele vaivém.

— Lamento, não sei nada a seu respeito — disse. — Não será possível. — Ela se virou para conversar com Cosmo.

Desesperada, Tess teve uma ideia.

— Olhe, por favor, olhe — pediu, abrindo a gola do vestido. — Eu fiz isso. Tentei copiar a gola de um de seus vestidos que vi no jornal. É uma cópia ruim, claro, mas...

— Nada mau — murmurou Elinor, observando a gola. Estava primorosamente virada, um linho firme desenhado para ser usado tanto aberto como fechado, requerendo pontos cuidadosos. — Um trabalho bastante complexo. Incomum para uma servente.

Lucile lançou um olhar interessado na direção de Tess, depois inspecionou a gola com os dedos. Era um de seus melhores projetos. A garota havia cortado a gola em proporção perfeita com seu vestido e costurado à mão. Não havia uma só ruga no tecido.

— Você está dizendo que fez isso? — inquiriu ela.

— Sim, fiz.

— Quem a ensinou a costurar?

— Minha mãe, que é muito habilidosa. — Tess se empertigou com orgulho. — Sou conhecida no condado. E corto meus próprios modelos.

— Todo mundo *corta*, minha querida. Isso só requer tesoura. Você está querendo dizer que *desenha*, presumo eu. — Lucile estendeu a mão sem cerimônia e ergueu a manga do vestido de Tess, notando a habilidade do trabalho de montagem da garota.

— Sim. Desenho e costuro. Faço tudo.

— Seu empregador a paga?

— Não pelos vestidos. Mas sou boa, e mereço ser paga. — Talvez isso fosse arrogante demais. Ela respirou fundo e lançou todas as fichas. — Quero trabalhar com a senhora. É a melhor estilista do mundo, e não posso acreditar na sorte que tive de encontrá-la. Seus vestidos são uma inspiração... Quem é capaz de desenhar como a senhora? Por favor, me dê uma chance. A senhora não vai se arrepender.

Lucile encarou a menina, com expressão indecifrável. Algo passou por seus olhos enquanto os espectadores ao redor caíam em silêncio, esperando o que viria em seguida.

— Ela provavelmente é independente demais para você — disse Elinor baixinho, de lado. — Nunca se sabe. Ela talvez não seja bem o que diz ser.

A expressão de Lucile não mudou, embora um pequenino sorriso tenha curvado seus lábios.

— Talvez. Mas eu poderia manter minhas joias trancadas no cofre do navio, não é? — Ela se dirigiu a Tess. — Você se sente satisfeita em ser uma empregada? Não estou oferecendo nada mais do que isso.

— Farei o que a senhora quiser. Só quero uma chance de provar meu valor e trabalhar para a senhora. — Sim, sim, ela faria qualquer coisa. Não sonharia acordada nem faria montinhos com os cantos dos lençóis, trabalharia, aprenderia e mudaria tudo. Tess estava respirando

com dificuldade. Sentiu as dobradiças do destino rangerem, uma porta se abrir... ou será que estava se fechando? Que ela goste de mim, rezou ela.

— Qualquer coisa?

Tess se empertigou.

— Qualquer coisa respeitável, nada mais — disse.

Lucile avaliou com o olhar a silhueta da garota, observando o cabelo escuro emaranhado, as maçãs do rosto altas e rosadas e o queixo alivo, as botas desgastadas com um cadarço partido.

— Vamos embarcar em breve. Você está preparada para partir daqui a uma hora, mais ou menos? — inquiriu ela.

— Sim, posso partir imediatamente. — Tess emprestou um tom duro e rígido às suas palavras. Só uma chance, pensou ela, não arruíne tudo.

O grupinho ao redor de Lucile parecia estar contendo a respiração coletivamente. Ela hesitou mais um segundo.

— Certo, está contratada — disse afinal. — Como *empregada*, apenas.

Elinor lançou-lhe um olhar surpreso.

— Isso não é um pouco impulsivo, Lucy?

A irmã não respondeu, simplesmente continuou olhando para Tess como se focasse o vazio, a distância.

— Obrigada, a senhora não vai se arrepender — disse Tess, trêmula, tentando não esmorecer diante do olhar incessante de Lucile.

— Você precisa se vestir adequadamente para o trabalho, quer seja uma pessoa instruída ou não. — Lucile estava pisando em terreno firme novamente. — Deve me chamar de madame. E precisa de uma touca. — Ela fez um sinal para Cosmo. — Meu marido, *Sir Cosmo*, cuidará dos detalhes.

Tess sorriu gentilmente para o homem alto e magro de bigode grande e bem cuidado que deu um passo à frente para falar com ela. Depois de lhe fazer algumas perguntas, teve uma conversa sussurrada com um funcionário da White Star Line. Era, claro, uma passagem

para uma servente, portanto não era necessário passaporte. Não haveria problemas? Eles terminaram a conversa com um aperto de mão firme. Tess expirou o ar com tanta intensidade que sentiu tontura. Sim, a porta estava se abrindo.

• • •

Ela segurou no corrimão, descendo atrás de Lady Duff Gordon por degraus escorregadios até um escaler com aparência encardida e meio frágil. Um oficial de uniforme da White Star dissera a todos os passageiros que o navio era grande demais para o porto raso de Cherbourg, portanto todos tinham de ir utilizando o escaler. Quão grande seria o navio, para ter provocado o rompimento do cabo de ancoragem de outra embarcação a caminho de Southampton? Tess procurou enxergar através da neblina cinzenta e fina, ansiosa para vislumbrá-lo.

A névoa se levantou. E lá estava ele, assomando tão altivo, tão orgulhoso e distinto, que parecia governar os mares, e não o contrário. Quatro chaminés enormes se erguiam graciosamente em direção ao céu. Nove deques, e Tess sentiu o pescoço doer no esforço de contá-los. Não era de admirar que se chamasse Titanic. As pessoas que se amontoavam para prender o escaler ao navio estavam fora de proporção em relação a ele, mais pareciam formigas atarefadas.

Um marinheiro estendeu a mão para Tess, chamando-a para subir na prancha de embarque. Ela obedeceu, concentrando-se agora em colocar um pé atrás do outro. Estava acontecendo — não tinha mais volta. Adeus, Sussex; adeus, patroa de rosto enrugado e filho tarado; adeus, todos. Até a seu lar, a sua mãe, aos irmãos e irmãs, a quem talvez ela jamais voltasse a ver novamente. Seu coração tremeu. E ela deu o passo seguinte com firmeza.

Estava no topo. Um casal à frente — um homem com um queixo belamente esculpido e uma mulher com um casaco de pele branca — deu um passo para dentro do navio e parou para um abraço. Que

bonito, que espontâneo. O homem — cujas mãos cheias de veias denunciavam que ele não era tão jovem quanto tinha parecido à primeira vista — de repente rodopiou a mulher num movimento preciso que terminou por fazê-la girar, rindo, para se aninhar nos braços dele. Os dois saltitaram com leveza, afastando-se, diante de aplausos aqui e ali. Seriam artistas?

Bem à frente dela estava um homem com rosto belo e inquieto dominado por um queixo forte e bem modelado e um nariz aquilino delgado. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos de um casaco de *cashmere* marrom imaculado. Seus olhos pareciam nublados. De tristeza? O cabelo estava ficando grisalho nas têmporas; provavelmente tinha uns quarenta anos, adivinhou ela. Um homem de negócios, que checava constantemente o relógio de pulso. Parecia envolvido pela névoa, e não reagiu ao pequeno *show* à sua frente, apenas parou um instante para observar o casal alegre com o que ela supôs ser uma certa melancolia.

— Depressa, garota. — O homem atrás dela tinha uma voz dura e impaciente.

Rapidamente Tess olhou para trás. Ele parecia ser muito importante.

— Bem-vindo, sr. Ismay — cumprimentou um oficial, atravessando o braço na frente dela para apertar a mão do homem. — É uma honra ter o presidente da White Star a bordo. Posso prometer ao senhor uma viagem rápida a Nova Iorque.

Ismay murmurou algo. Tess achou que ele mais parecia um guindaste alto e ossudo. Ela apressou o passo para sair do caminho dele.

Ainda no escaler, Lucile e Elinor observaram a garota subir.

— Acho que você não tem muito material servil aí, Lucy — comentou Elinor com um risinho. — Ela nem sequer esperou que a grandiosa Lady Duff Gordon subisse primeiro. Adorei.

— Vou colocá-la para trabalhar com bainhas e botões. Se ela não fizer um serviço decente, será despedida assim que pisarmos em Nova Iorque.

— Você tem algum outro motivo secreto, conheço você — disse Elinor, dando um breve abraço na irmã. — Isso deixa as coisas interessantes. Vou continuar escrevendo sobre paixões ilícitas e você, desenhando roupas que uma concubina vestiria.

— Elinor...

— Ah, sim, seus modelos são para mulheres dignas e estrelas de todo tipo. Não fui gentil em vir até o navio me despedir de você?

— Você só queria ver o Titanic de perto. — Lucile sorriu, retribuindo o abraço. Franziu a testa. — Você está magra demais. Consigo contar suas costelas. Você não removeu nenhuma cirurgicamente, não é?

— Quanta tolice. Você sabe tão bem quanto eu que apenas umas poucas malucas fizeram isso, e não estou entre elas.

— Você não está usando espartilho.

— Bem, lá vem você. Eu desisti das barbatanas. Boa sorte em Nova Iorque, e volte logo... — a voz de Elinor foi de gentil a zombeteira — ...madame.

— O título me confere o devido respeito — retrucou Lucile.

— Só não comece a acreditar nisso.

— Suponho que não. — Ligeiramente distraída, Lucile olhou para sua jovem empregada apressada, que agora estava no topo da prancha.

— Você está focada naquela garota, querida. Diga adeus a sua amada irmã.

— Ah, cale a boca. — Lucile riu e plantou um beijo vermelho-vivo na bochecha de Elinor, depois se virou para embarcar.

• • •

Tess conseguiu não ficar encarando as pessoas importantes que se movimentavam até suas cabines na primeira classe; sua mãe ficaria mortificada. Ela havia aprendido boas maneiras, afinal de contas. Não fique de boca aberta. Mas, que fantasia era tudo aquilo! Olhou de soslaio para as mulheres gloriosamente arrumadas — como ela

desejava poder acariciar algumas daquelas sedas farfalhantes, examinar a urdidura dos xales tão bem trabalhados — e para os homens com golas altas que pareciam governar o mundo. Aja como se nada disso fosse novidade, simplesmente a vida de sempre. Finja pertencer a isso tudo.

— A maioria dos passageiros da primeira classe não tem outro motivo para fazer esta travessia a não ser se vangloriar de ter estado na viagem de estreia do Titanic — explicou a madame para Tess enquanto a garota a ajudava a desfazer as malas. — Mas isso lhes rende um ótimo diz falatório para levá-los a algum jantar em Nova Iorque. Indica que têm espírito flexível, quiçá até aventureiro. — Ela sorriu. — Desde que as torneiras sejam folheadas a ouro, o que na verdade são.

Tess ia começar a responder, mas o dedo de Lucile já tinha voado até seus lábios.

— Ouça — ordenou ela.

E Tess ouviu pela primeira vez o tremor vagaroso, a vibração dos motores do grande navio ganhando impulso lá embaixo, longe de onde ela estava. Será que elas poderiam ver a partida?, perguntou timidamente.

— Não tem nada de especial, creio.

Mas Lucile conduziu Tess até o exterior, onde elas assistiram à terra recuar. Mais uma parada na Irlanda e a primeira viagem do Titanic para o vasto mar começaria de fato. Madame apontou para uma jovem com cachinhos minúsculos e cuidadosos emoldurando sua pele clara e um homem espantosamente lindo de braços dados com ela, os dois parecendo envolvidos em uma bolha de felicidade. Logo se casariam, e uma festa de casamento muito importante socialmente estava planejada para ocorrer em Newport Beach, explicou ela.

— Mas também há gente como ela — disse a madame, apontando um dedo delicado para uma mulher alegre e roliça que acenava animadamente para o litoral. — A sra. Brown. Seu dinheiro vem de um lugar chamado Leadville, no Colorado. Lucros vindos da mineração do ouro. Nenhum berço. — Ela olhou para baixo ante o som dos gritos e vivas vindos da proa. — Pobres almas sem educação...

Venderam tudo o que tinham e estão rumando para o que pensam ser sua nova vida nos Estados Unidos. Não vai acontecer, a menos que aprendam a lavar pratos.

Mais tarde, quando Tess levou sua sacola até as acomodações da classe inferior em busca da cama de armar que lhe tinha sido designada, parou, inclinando-se sob o teto baixo, olhando ao redor do quarto lotado. O ar estava abafado, uma mistura de cheiros pungentes de alho, língua fatiada, cigarro e até mesmo urina. Um homem de calças cinza estava se barbeando, duas crianças o observavam. Uma mulher idosa com cabelo ralo se balançava para a frente e para trás, sentada, gemendo devido à náusea. Dois meninos atiravam uma bola um para o outro. Mulheres fofocavam, bebês choravam. A garota na cama ao lado da dela lhe deu um sorriso simpático e ofereceu-lhe uma maçã. Poucos ali veriam os deques superiores. Tampouco as pessoas lá em cima os veriam. Contudo, aquelas pessoas estavam rumando para uma vida nova, tal como ela.

Ela voltou para cima o mais rápido que pôde. Se pudesse, levaria todas aquelas pessoas junto, mas agora era sua vez. Ela só ficaria ali embaixo para dormir, nem um minuto a mais. Somente quando as vozes e ruídos das crianças chorando se transformaram em murmúrios enquanto ela se enovelava pelos deques e metais polidos daquele navio impressionante é que parou para respirar.

• • •

Tudo era estonteante. Aguçando a excitação de Tess, Lucile continuou a apontar de modo bastante natural para os passageiros estelares: aqui, o dono de uma estrada de ferro; ali, um assistente do presidente Taft dos Estados Unidos; e lá, um famoso produtor de teatro — ela conhecia todo mundo. Juntas, elas caminhavam pelos enormes salões de recepção, com suas cadeiras elaboradamente entalhadas, as ricas mesas de mogno e espelhos dourados, até Lucile anunciar que estava entediada e tiraria uma soneca. Não havia necessidade, então,

de passar roupa, limpar ou resolver pendências? Tess perguntou rapidamente se poderia andar um pouco por ali sozinha.

— Pode ir, estarei no deque na hora do chá. Boa sorte com suas explorações. Nem mesmo os comissários do navio parecem saber onde ficam todas as coisas.

Sozinha agora, Tess espiou pela porta de um enorme cômodo com paredes de mogno e estranhos aparelhos que pareciam cavalos mecânicos. Já tinha ouvido falar deles; eram animais de exercício, movidos a eletricidade. Olhou para um lado e para o outro. Não tinha ninguém por perto. Ela não deveria entrar, mas era tudo tão intrigante. Andou na ponta dos pés, caminhando pelo ambiente, tocando os cavalos revestidos de chapas de aço, sem saber se teria a coragem de subir em um deles. Tinham uma aparência tão fria. Como seria? Ela viu os interruptores. Poderia ligar um deles, se não houvesse ninguém olhando.

Então ela viu o camelo. Um camelo! Sempre havia se perguntado como seria andar em um. Cuidadosamente, colocou um dos pés num estribo, segurou a saia e içou o corpo para a máquina. Esticou a mão na direção do interruptor, mas parou.

— Bem, vejo que está prestes a fazer um pouco de exercício. — Era uma voz masculina. — As mulheres são tímidas demais para usar equipamentos atléticos, o que é uma tremenda tolice.

Ela levantou o olhar e viu o lindo homem de cabelo grisalho que tinha visto na prancha de embarque. Agora ele parecia mais enérgico. Estava vestido com um suéter azul de gola rulê, e, embora parecesse menos sombrio, ela suspeitou que as sombras que via embaixo dos olhos deles nunca sumiam completamente.

— Espero não estar causando nenhum estrago, pois nunca vi máquinas como estas — disse Tess, aturdida ao imaginar a própria aparência. Suas pernas estavam abertas sobre o aparelho mecânico como as de uma vagabunda comum. Bom Deus, e se a madame entrasse ali naquele momento? Mas não entraria, com certeza. E o homem não parecia chocado o bastante para ordenar que ela saísse.

— Nem tampouco muitos de nós — disse ele. — Agora, ande nesse camelo elétrico de que você gostou tanto. Para que ele precisa de corcovas para armazenar água, com as maravilhas da eletricidade? Posso ligá-lo?

Tess olhou na direção dele, viu o brilho divertido em seus olhos e segurou-se com mais força.

— Tudo bem — respondeu ela, meio sem fôlego.

Ele ligou o interruptor. De repente ela se viu movendo de trás para frente, depois para cima e para baixo, e não conseguiu deixar de rir ante o absurdo daquilo tudo enquanto pressionava as pernas fortemente contra os flancos esguios do camelo, feitos de carvalho polido.

— É parecido com cavalgar um cavalo de verdade?

— Oh, não, nada disso. Adoro andar a cavalo no condado onde nasci.

— Com esse mesmo tipo de sela?

— Sem sela. Assim me sinto livre. — Uma lembrança súbita de si galopando pelas estradas em sua terra fez aquilo tudo de repente parecer bobo. — Como é esse exercício?

— Seu coração e os pulmões se beneficiam desse movimento. Essa é a teoria, pelo menos.

Alguém logo entraria ali, com certeza.

— Pode desligar agora — disse ela.

— Ele pode ir mais rápido. Quer acelerar mais?

— Não, não. — Ela olhou o rosto dele, meio assustada. — Não zombe de mim, por favor.

Ele sorriu e desligou o camelo, depois esticou os braços.

— Posso ajudá-la a descer? — perguntou ele.

— Não, obrigada, posso fazer isso sozinha.

Rapidamente, antes de ele dizer mais alguma coisa, ela deslizou para fora do aparelho e ajeitou a saia.

— Você está bem-composta agora, não se preocupe — disse ele. — Gostaria de fazer um pequeno passeio? — Ele ofereceu-lhe o braço com naturalidade, como se fosse algo perfeitamente normal. Seu humor havia melhorado, e aquilo era contagiante. Como era bom rir. Ali estava a quadra de *squash*; você sabe jogar? E ali os banhos turcos,

e lá — apontou ele — as melhores piscinas. — Algo essencial quando se está rodeado por água, não acha? Nada é bom o suficiente para as classes mais abastadas.

— Eu chego lá um dia — soltou ela num impulso.

— Tem certeza de que quer? — perguntou ele com o que parecia um toque leve de curiosidade.

Ela sentiu coragem o suficiente para lhe dar a resposta verdadeira.

— Vou trabalhar duro. É fácil nos Estados Unidos. — Constrangida, ela olhou para ele e depois desviou o olhar. — Obrigada pelo passeio — disse.

— Você fez a cortesia de me acompanhar, e foi um prazer ser seu guia.

Os homens que ela conhecia jamais falavam daquele jeito.

— Você sabe que eu não deveria estar aqui, não é?

— Já vi você com Lady Duff Gordon — respondeu ele gentilmente. — Sou estadunidense, da bastante insolente cidade de Chicago, e não tão respeitoso das gentilezas da sociedade britânica quanto deveria ser. Gostei do passeio.

— Eu também — devolveu ela.

— Espero que você tenha uma viagem agradável.

Ela olhou rapidamente para um relógio. Estava atrasada.

— Preciso ir — disse, e saiu correndo, tropeçando perto dos aparelhos, quase caindo. O chá, o chá. Ela não podia esquecer o creme. Enquanto se apressava até a cozinha do navio, viu-se pensando nas mãos fortes do homem e desejou que ele a tivesse ajudado a descer. Ela teria gostado de senti-las. Idiota, que ideia. Em um dia desses, resolveu, descobriria o que era *squash* — e aprenderia a jogar. Meu Deus, como era o nome dele? Como ela nem sequer tinha perguntado?

• • •

Lucile observou a garota andar apressada em sua direção pelo deque, equilibrando precariamente uma bandeja de prata com um

bule de Limoges, uma xícara delicada de porcelana, um jarrinho com creme e um açucareiro branco.

— É um milagre você ter conseguido — disse Lucile enquanto Tess depositava a bandeja diante dela. — Essa é uma das mais finas xícaras de porcelana, como eu pedi?

— Sim, madame. Eu me certifiquei disso. — Na verdade, ela quase tinha se esquecido daquele detalhe na cozinha agitada do navio.

— O chá fica com gosto de água de lavagem quando é servido em outra coisa.

Tess serviu a xícara e estendeu para ela, ainda meio corada.

— Como foram suas explorações?

— Ah, muito bem. Vi tanta coisa. Há uma academia de ginástica.

— Assim ouvi falar. Nenhuma mulher de respeito se dignaria a tamanha tolice.

Tess corou ainda mais.

— Leve tudo isso embora. — Lucile fez um gesto para os aparatos do chá. — Já tomei o suficiente. Quero que volte à cabine e passe o vestido azul que separei para o jantar desta noite. Volte daqui a quinze minutos e andaremos pelo passeio mais uma vez.

Tess assentiu ansiosa, reunindo a louça na bandeja. Andar pelo passeio com Lady Duff Gordon era o mais perto que ela poderia chegar do universo exclusivo da estilista, e ver gente como John Jacob Astor — o homem mais rico a bordo, um multimilionário — sorrindo e conversando com Lucile era uma experiência imperdível. Ela precisava se apressar. Começou a andar pelo deque, ligeiramente distraída pela visão de dois refinados homens de calção mexendo algumas peças de madeira sobre um tabuleiro com uns triângulos de duas cores. Era um tipo de jogo... O que seria? *Squash*?

A bola de uma criança atravessou seu caminho. Ela tropeçou, tentou encontrar o equilíbrio, mas caiu com tudo, fazendo creme voar do jarrinho de prata, cubinhos de açúcar se espalharem pelo deque e o chá ainda quente queimar seus dedos. As mulheres

sentadas ali perto se levantaram de um pulo, puxando as saias para longe da sujeira.

— Oh, sinto muito — disse ela, horrorizada. Alguém deu uma gargalhada.

A madame agora estava ali de pé, olhando para ela com frieza.

— Limpe isso e volte para a minha cabine. Imediatamente.

Virou-se e se afastou.

Tess apanhou os guardanapos de linho da bandeja e começou a limpar o creme do chão. Agora tinha sido seu fim.

— Que mulher antipática. Não se preocupe, deixe que eu cuido disso.

Tess olhou para cima e viu um marinheiro franzindo a testa para ela. Tinha mais ou menos sua idade, com um rosto forte e bronzeado e braços musculosos. Segurava um esfregão. Seus olhos eram bondosos, tão azuis quanto o mar.

Ela recolocou tudo de volta na bandeja, levantou e limpou o vestido.

— É muito gentil da sua parte — disse ela, de cabeça erguida. Não seria humilhada. Não mais. Pararia aquelas risadas, e ninguém a veria derramar uma lágrima.

— Boa, garota, mostre a eles quem você é — disse o marinheiro com gentileza.

E você, quem é?, pensou Tess. A saída era colocar sua máscara, envergar um semblante de invisibilidade. Ela sentiu vontade de olhar para trás, para o marinheiro, e agradecer-lhe em silêncio, mas resistiu ao impulso. Entretanto, sentiu o respeito dele enquanto se afastava.

• • •

— Sua falta de jeito foi imperdoável. — A voz de Lucile era como um martelo sobre ferro.

— Sei disso, madame, lamento muito. Eu apanhei tudo. Nada se quebrou, embora a xícara tenha ficado com uma pequena lasca...

— Se estivéssemos em terra firme, eu a despediria imediatamente.

— Isso jamais voltará a acontecer, prometo.

— Você prometeu competência, e não estou vendo nada disso.

Mas não posso simplesmente atirá-la pela amurada, posso?

— Espero que não.

O canto da boca de Lucile tremeu.

— A verdade é que eu teria feito qualquer coisa para vir com a senhora — disse Tess. — Eu a admiro há muito tempo, e a senhora fez coisas com as quais eu apenas sonho. Se a senhora precisasse de um limpador de chaminés, eu teria dado um jeito de virar um.

— Eu precisava de uma empregada.

— Não sou boa empregada, não quero ser uma. — Ah, meu Deus, ela já podia ouvir seu pai lhe dizendo para calar a boca, para ser obediente. Mas era melhor admitir logo a verdade. — Fui trabalhar como servente bem cedo e odiei, a única coisa que eu queria fazer era costurar. Lamento, admiro a senhora enormemente. Só não sei como...

— Fazer seu trabalho adequadamente — terminou Lucile com dureza. Olhou para Tess. — Não é verdade?

— Com todo o respeito, isso depende do trabalho. — Tess rezou para que suas palavras não fossem interpretadas como insolência.

Outro tremor da boca.

— Você não quer ser empregada? Venha cá. — Lucile chamou Tess até uma mesa, onde ela havia disposto as peças cortadas para um uma jaqueta de lã. Não era uma roupa importante. Se a garota a estragasse, não seria uma perda significativa. — Prove seu valor. Monte isso sem o molde. Os pontos devem ser feitos à mão. Volto daqui a uma hora para ver como você está se saindo.

— Sim, madame. — Tess apanhou uma das peças de lã enquanto Lucile saía da cabine. Era tecida de modo frouxo, com uma delicada estampa xadrez de cobre e verde, um tecido bastante fino, melhor do que qualquer outro com o qual já trabalhara. Ela deveria ser cuidadosa. Não, ela *seria* cuidadosa. Aquilo não era nenhuma xícara de chá

idiota. Sua cabeça se inclinou para a frente, seus dedos começaram um trabalho de precisão. Agora estava respirando melhor.

• • •

Lucile pegou a jaqueta pronta e esticou-a sobre o braço, franzindo a testa. Analisou-o com cuidado enquanto Tess mordida o lábio, nervosa.

— Bem, você está obviamente determinada a mostrar seu valor — disse ela por fim, correndo os dedos pela peça. Tess havia feito as pregas com perfeição, o que não era fácil em um tecido xadrez. — Este é um trabalho razoavelmente bom. Pontos meticulosos. — Ela lançou um olhar para a garota, analisando-a, depois dobrou o casaco e guardou-o em seu baú. — Talvez você tenha jeito para costureira. Talvez não precise ficar tirando o pó das cômodas a vida inteira.

Apenas uma leve promessa no ar, nada mais. Porém, fez com que Tess sentisse um tremor de alívio no fundo do seu coração. Deus, obrigada. Se tivesse havido mais alguma conversa de jogá-la navio afora, ela teria pulado por vontade própria.

Lucile olhou para um pequeno relógio incrustado de joias que repousava sobre a penteadeira.

— Chega de conversas sobre costura por enquanto. Pegue meu vestido, sim, querida? Está quase na hora do jantar.

Tess disparou para obedecer enquanto Lucile começava a vasculhar na sua caixinha de joias.

— Será que eu não os trouxe? — murmurou ela com medo, para si mesma. — Onde estarão?

— Posso ajudar, madame? — ofereceu Tess.

— Ah, aqui estão. — Lucile sacou uma bolsinha azul-escura, abriu-a e espalhou seu conteúdo sobre a penteadeira. Brincos. Ela apanhou um deles e segurou-o junto da orelha, encarando Tess. — Lindos, não é?

— Sim, são. — Tess estava fascinada. Nunca tinha visto nada parecido. Três pedras de cor clara, cintilando com brilho interior, separadas

por minúsculos brilhantes e o que ela achava serem safiras. — O que são? — perguntou Tess, timidamente.

— Pedras-da-lua do Ceilão, estão muito na moda. — Lucile prendeu um dos brincos na orelha e moveu suavemente a cabeça. As pedras dançaram e cintilaram. — São chamadas de pedras do viajante — explicou. — Supostamente para proteger contra os perigos de uma viagem, o que é uma besteira completa, claro. Mas isso vende joias, suponho eu. — Prendeu o segundo brinco na outra orelha, depois esticou a mão para apanhar seu inseparável batom.

Era a deixa para Tess sair.

— Boa noite, madame. Espero que tenha um ótimo jantar — disse ela, a caminho da porta para sair.

. . .

Naquela noite, de volta ao alojamento claustrofóbico, em meio ao choro das crianças e o ronco de seus pais, ela caiu em um sono inquieto, do tipo em que a memória flui como água pelos sonhos.

*O cascalho fazia barulho sob os passos pesados do patrão, que andava em volta dela.*

— *Quantos anos?*

— *Doze — respondeu seu pai, torcendo o boné nas mãos curtidas pelo trabalho no campo. A vaca havia morrido no dia anterior. Doente. Não havia mais leite agora para as crianças menores.*

— *Os dentes?*

— *São bons.*

— *Posso mastigar sem problemas, senhor.*

— *Não fale nada a não ser que lhe perguntem, menina.*

— *Sim, senhor.*

— *Você vai fazer o trabalho doméstico. Trabalho duro. Está preparada para isso?*

— *Sim, senhor.*

*O sonho dela começava a se enevoar, mas o choro da sua mãe dentro de casa se tornara ainda mais alto. As mãos do seu pai quase rasgavam aquele boné.*

— *Ela vai fazer, sim.*

*Então sua mãe apareceu, segurou o braço dela e puxou-a de volta para casa.*

— *Ela não é um cavalo!* — *gritou.*

*Elas estavam juntas agora, no quarto. Sua mãe segurava uma agulha perto da cabeceira e dobrou a mão da menina para que esta a segurasse.*

— *Está vendo isso? Talvez você tenha de fazer serviço doméstico por agora, mas eu ensinei você a costurar. Isso vai ser a sua saída daqui. Não abaixe a cabeça, tenha orgulho.*

Tess acordou com um estalo. Na verdade, não tinha havido névoa nenhuma. E como eram diferentes as mensagens de seu pai e de sua mãe.

• • •

— Ouvi dizer que sua empregadinha caiu no convés hoje — comentou Cosmo enquanto ele e Lucile se preparavam para deitar-se, depois do jantar. — Causou uma bagunça e tanto. E que um marinheiro veio ajudá-la, é isso?

Lucile deu de ombros.

— Sim, ridículo. Mas eu gosto dela.

— Posso perguntar por quê?

— Não sei se você entenderia.

— Tente.

— Não tem importância. Talvez haja algo, talvez não seja nada.

— Você não a pressionou para usar a touca.

— Ela é terrível como empregada. Não sei por que eu deveria me incomodar.

— Então você está aplicando esse seu famoso olho de figurinista em uma nova tela em branco?

— Meu caro Cosmo, ela salta ante meu menor comando, seja ele qual for. Se o preço disso for esquecer uma touca de empregada, por mim tudo bem.

— Algo está passando pela sua cabeça. Esse assunto ainda não acabou, creio eu. — Cosmo bocejou, deitando na cama. Seu pijama de seda farfalhou quando ele deslizou entre os lençóis de seda. — Será retomado quando você estiver pronta, claro.

Lucile não respondeu, inclinando-se mais para perto do espelho acima da penteadeira. Passou um creme nos lábios, retirando o batom carmesim com mão firme.

• • •

— Tess, encontre meu vestido de seda dourada naquela bagunça e passe-o a ferro para o jantar, por favor. — Lucile apontou um dos seus maiores baús quando Tess apareceu para o serviço na manhã seguinte. — Você é capaz de fazer isso sem queimá-lo, não?

— Eu jamais estragaria um de seus vestidos, madame — respondeu Tess, corando. Abriu a tampa do baú e com suavidade começou a retirar as roupas: os tecidos lindos e brilhantes que enchiam o enorme baú da cabine A-20. Afundou as mãos mais um pouco, tremendo ante o toque levemente sedoso dos tecidos. Como descrever isso? Eles tinham a consistência de espuma de barbear. Tecidos que ela nunca tinha visto antes... delicados como teias de aranha, prateados, dourados, alguns tão azuis quanto as águas mais profundas, todos habilmente torcidos, esvoaçantes, drapeados. Era o paraíso!

— Você parece meio extasiada — comentou Lucile, divertida.

— Eles parecem tão esvoaçantes e simples! Mas a estrutura é maravilhosa.

— Eu os desenho de modo que se moldem a um corpo em movimento. Você consegue perceber isso, não é?

— Ah, sim.

— Então sua mãe lhe ensinou a costurar?

Tess assentiu, depois falou com orgulho:

— Nós dávamos duro juntas, cortando, montando, costurando.

— O que vocês faziam?

— Uma camisa para um dono de terras, um vestido para um casamento... Uma roupa para o batizado de uma criança. Todo tipo de coisa.

— Bastante admirável. Mas isso não libertou sua mãe, não é?

— Havia bebês demais.

— Ah, a armadilha universal. E como você conseguiu evitá-la?

— Ficamos empolgadas com um emprego de costureira em Chebourg, tínhamos amigos por lá. Mamãe queria que eu escapasse dos garotos do vilarejo. — E, ela tinha certeza absoluta, seu pai sabia o tempo todo que era um emprego de servente.

Lucile sorriu e, hesitante, Tess sorriu de volta.

— Mulher inteligente, a sua mãe.

— Prometi a ela que, quando tivesse minha chance, eu daria o meu melhor. — Ela estava montando o ferro de passar agora, testando a temperatura. Não estava muito quente. Aquele era um trabalho familiar. O vestido dourado acariciou seus dedos, deslizando suavemente pela tábua.

— E é isso que você está fazendo agora.

— Sim, senhora.

— Madame.

— Sim, madame. — Não se esqueça disso, advertiu ela para si mesma em silêncio. Sério, se Lady Duff Gordon desejasse ser chamada de Vossa Alteza, ela o faria alegremente.

Lucile olhou para ela, pensativa.

— Minha querida, aqui vai a lição número um para aproveitar as oportunidades: não perca tempo com falsa humildade. Conte ao mundo as suas conquistas, não espere que outra pessoa o faça. Você sabia que fui a primeira estilista a usar modelos de verdade nos desfiles de moda?

— Não, madame — respondeu Tess. O vestido estava pronto. Com cuidado, ela o pendurou em um cabide banhado a prata, meio espantada com o tom relaxado e quase de confidência de Lucile.

— Bem, agora sabe — disse Lucile. — Você ganha confiança fazendo o que ninguém jamais fez. Ou o que ninguém mais quer fazer.

Tess não conseguiu se conter, as palavras escaparam de sua boca:

— Como derrubar bules de chá?

Lucile riu.

— Acho que eu e você vamos nos dar bem. Agora gostaria que escrevesse uma carta para mim, para que eu possa verificar sua habilidade na escrita.

— É ótima — disse Tess com um sorriso cauteloso.

— Boa garota. Você aprendeu a lição de hoje.

• • •

Ao meio-dia, Tess estava livre para buscar o ar fresco do deque. Uma ótima manhã, no geral. Ela se viu fazendo um relatório mental para sua mãe: superei o desastre de ontem, mãe, e a madame e eu estamos *conversando*, conversando de verdade. Com certeza esse é um sinal positivo. Seu devaneio foi interrompido pelos gritos dos meninos que brincavam de pega-pega e pelos risinhos das meninas ali perto, pulando corda.

— Senhorita?

Espantada, ela percebeu que um homem de rosto triste num terno preto amarfanhado estava falando com ela. Vinha de mãos dadas com dois meninos pequenos, um de cada lado.

— Meu filho aqui — ele empurrou um dos garotos para a frente —, tem algo a lhe dizer. Edmond, fale.

O menino olhou com olhos suplicantes para Tess.

— *Je suis désolé* — sussurrou ele.

— Meus filhos não falam inglês — disse o homem em tom de desculpas. — Mas Edmond sabe que foi a bola dele que a fez tropeçar ontem, e sente muito. Perdeu seu brinquedo preferido, o pião, na amurada, e estava tentando brincar com algo diferente. Creio que você fala francês, não?

Tess assentiu, tocada pela formalidade cortês do homem. Era o sr. Hoffman, alguém lhe dissera. Um viúvo com dois filhos pequenos. Era um homem reservado, mas dedicado aos filhos.

— *Ce n'est pas grave* — disse ela ao menino, e viu a expressão de alívio em seus olhos. Edmond sorriu enquanto o irmão abraçava a perna do pai, olhando para ela.

O sr. Hoffman assentiu com aprovação, e pareceu não saber o que dizer em seguida.

— Edmond e Michel em geral são bons meninos — disse ele. — Mais uma vez, por favor, nos desculpe. — Depois ele virou as costas, e as crianças correram para acompanhá-lo. Em seguida, desapareceram pelo navio.

• • •

Hora do chá, de novo.

— O chá não está quente o suficiente, Tess. — A voz da madame tinha um tom de provocação. — E o bolinho está seco.

Na mesma hora Tess estendeu a mão para apanhar a xícara.

— Cuidarei disso agora mesmo — disse ela.

— Não esqueça também de dizer ao pessoal da cozinha para mandarem bolinhos frescos.

— Sim, madame.

— E se não houver nenhum, o que você vai fazer?

Tess não se abalou.

— Vou assá-los eu mesma — respondeu ela.

Lucile sorriu.

— O espírito é esse. Esqueça o chá. Vamos andar pelo passeio.

• • •

— Reparei que você está me observando, Tess — disse ela sem cerimônia, enquanto as duas passeavam. — O que está vendo?

Tess corou.

— A senhora parece uma rainha, às vezes.

Lucile riu e ia começar a responder, mas parou abruptamente de caminhar. Avançando na direção delas vinha um grupinho de homens e mulheres conversando, todos focados em uma morena pequena e magra que ia no meio, uma jovem estonteante vestida com uma blusa branca de linho e uma saia de jérsei vermelho que ondulava rapidamente conforme ela caminhava. Na sua cabeça havia um pequenino chapéu *cloche*. As pessoas se viravam para olhá-la, algumas sussurravam.

— O que *ela* está fazendo neste navio? — murmurou Lucile.

— Quem é ela? — perguntou Tess, enquanto passavam. Ela não deixou de notar a troca de sorrisos gélidos entre as duas mulheres.

— Mais uma dessas milionárias que desenham roupas ridículas e acham que sabem o que é alta-costura. Ela está tentando atrair atenção para algo que chama de roupa casual, o que não passa de juntar peças descombinadas como o traje que está usando agora. — Lucile agora caminhava mais depressa, voltando para sua cabine. Tess correu para acompanhá-la.

Lucile abriu a porta bruscamente e deixou-a bater na parede, assustando Cosmo, que estava em uma cadeira, tranquilo, fumando seu cachimbo.

— Aquela pretensiosa de Manchester que rouba minhas ideias está no navio! — exclamou ela.

— Não precisa ficar chateada — retrucou Cosmo. — Ela não tem nem uma libra à disposição para abrir um ateliê. Ela não é páreo...

— Não é páreo? Ela está manipulando essa multidão para chamar toda a atenção e conseguir todos os contatos que puder. Igualzinha àque-la outra presunçosa, aquela a que chamam de Chanel. — Lucile tirou a pulseira e atirou-a na penteadeira, quase acertando o espelho. Os diamantes atingiram o móvel com um estrondo que fez Tess estremecer.

Cosmo continuava calmo. Tragou longamente o cachimbo.

— Lucy, você tem qualidade superior — disse ele. — Você é Lady Duff Gordon, e todo mundo neste navio sabe que nenhuma outra estilista chega a seus pés. Acalme-se.

Só então Lucile pareceu se lembrar da presença de Tess.

— Desculpe por essa espiada atrás do véu, minha cara — disse ela. — Até mesmo a magestade pode ser pega de surpresa. Sempre há pessoas aí fora dispostas a meter o bedelho em seus assuntos, algo que você irá aprender cedo ou tarde. Luto pelo que eu tenho... — Ela olhou para Cosmo. — Com o apoio do meu querido marido, claro.

— Minha mulher, como sempre, está sendo um pouco melodramática — disse ele, sem se alterar. — Francamente, querida, você está agitada demais.

Era como se eles estivessem trocando falas ensaiadas, como atores em uma peça, e Tess fosse o público.

— Claro. Sou uma mulher bem-sucedida, tenho tudo que sempre quis. E pretendo que as coisas continuem assim.

— Muito bem dito. — Cosmo pousou o cachimbo no cinzeiro. — Agora vou checar se estamos na mesa do capitão nesta noite. Isso agradaria você, tenho certeza.

Lucile lhe deu um sorriso enorme.

— Ótimo, querido.

A atmosfera tensa da cabine começava a se suavizar, e Tess teve a sensação de conseguir respirar novamente. Ficou em pé quieta e em silêncio enquanto Cosmo sorria daquele seu jeito sereno e *blasé*, dava um beijo na face da esposa, apanhava seus óculos e saía do quarto.

— É preciso entretê-los, sabe? — Lucile suspirou ligeiramente enquanto a porta se fechava. — Os homens podem ser tediosos, mas são necessários. É preciso aprender a lidar com eles. Não acha?

Não houve nenhuma resposta informal, não com a distância social entre elas. Tess ficou em silêncio.

Lucile andou até a penteadeira, apanhou sua pulseira e atirou-a com displicência na sua caixinha de joias.

— Você não respondeu — observou ela.

— Eu não teria como saber, madame — disse por fim Tess.

— Por que não? Está me dizendo que é inexperiente em relação aos homens?

— Mais ou menos.

— Ora, vamos, Tess. E aqueles garotos do vilarejo dos quais sua mãe a avisou para manter distância?

Lucile estava abrindo um estojozinho dourado com pó de arroz, e Tess viu a mão dela tremer ligeiramente.

— Lamento sobre a outra estilista — disse Tess. — Com certeza ela não é uma ameaça à senhora, madame.

— Todo mundo, em algum momento, representa uma ameaça — respondeu Lucile, aplicando o pó ligeiramente no nariz e nas maçãs do rosto. — Por isso é que preciso manter todo na linha. Tudo isso não passa de encenação, Tess. E até agora deu certo. — Ela olhou para a garota, com os olhos subitamente marejados. — Sei o que você quer, e vou ajudá-la a chegar lá. Mas é preciso mais do que talento.

— Obrigada — disse Tess.

— Então, quando vou receber aquelas referências que você prometeu? — perguntou Lucile de modo abrupto, voltando de repente para a penteadeira e agora estendendo a mão para apanhar um vidro de esmalte cor de carmim.

— Referências? — Tess bem podia imaginar a ira da patroa da casa de onde ela havia fugido em Cherbourg, que com certeza não teria nada de bom a dizer a seu respeito. Referências? Ela não tinha nenhuma. Com certeza a madame havia percebido isso.

Lucile passou uma camada de óleo secante em suas unhas e encarou Tess, rindo.

— Você devia ver sua expressão, Tess. Não se preocupe, não me interessam as referências. Só estava brincando com você. Conte mais sobre a sua vida. Estou curiosa. Não são muitas as mulheres que estariam dispostas a deixar o país de um minuto para o outro. Por que fez isso?

— Na verdade, eu planejei isso. Por muito tempo.

— Você estava fugindo de alguma coisa? — perguntou Lucile, gentilmente.

— Só de limpar armários e banheiros. E de não ser paga pelo meu verdadeiro trabalho.

— Algum arrependimento?

— Absolutamente nenhum — respondeu Tess com tanto fervor que Lucile riu de novo.

— Bem, isso é bom, porque meu cérebro está ocupado cortando você em peças de molde. O que acha disso? Vamos costurar uma nova Tess Collins. Talvez encontremos um jeito de aperfeiçoar suas habilidades de costureira.

— Darei o meu melhor, de verdade.

— Tenho certeza de que sim. — Lucile cobriu um bocejo com a mão. — Agora, se não se importa, assim que o esmalte secar vou tirar um cochilo.

. . .

Tess não conseguia parar de pensar na conversa delas, examinando a memória em busca de algum furo. Será que havia interpretado bem as palavras da madame? Parecia que uma promessa havia sido feita, com certeza ela não tinha deixado suas próprias esperanças enfeitarem as palavras de Lucile. Ela podia sentir, estava ali, a benevolência. E quando a madame havia comunicado ao comissário do navio que desejava que Tess fosse transferida do deque E para o A? Aquilo era para mantê-la à disposição até tarde, claro, mas que alegria foi ouvir aquela notícia. Ela desceu correndo as escadas até seu alojamento, até a cama estreita — apenas uma das muitas que havia atulhadas —, onde tinha guardado seus poucos pertences embaixo do colchão. Passou espremida por um homem que tossia pesadamente num lenço sujo e fechou os ouvidos para a discussão aguda de duas mulheres que disputavam um cobertor. Inspirou profunda e desafiadoramente. Respirava os odores repugnantes daquele lugar escuro e sem janelas pela última vez.

— Você está indo embora daqui? — perguntou a garota da cama ao lado, com uma nota de desapontamento. — Não a vi muito, mas

você tem minha idade e achei que a gente poderia bater um papo de vez em quando. Vou para a casa de meu tio, em um lugar chamado Bowery. Já ouviu falar? Vou trabalhar no bar dele, mas ele disse que é um trabalho respeitável nos Estados Unidos. Ainda tenho algumas maçãs. Quer dividir uma?

Tess balançou a cabeça em negativa e sorriu.

— Agora não, quem sabe mais tarde.

— Ah, acho que depois que você for lá para cima, nunca mais vai voltar para cá.

Era verdade, claro. Tess sentiu o rubor de seu rosto.

— Adeus — disse ela. — Talvez a gente se encontre em Nova Iorque.

• • •

*14 de abril de 1912*

O dia estava glorioso. A madame tirava mais um cochilo ao fim da tarde, e Tess desfrutava de seu novo acesso ao deque da primeira classe. Fora-lhe permitido sentar na espreguiçadeira da madame e observar o passeio cheio de pessoas privilegiadas que caminhavam por ali, rindo e conversando, pessoas cujos nomes ela deveria aprender. Nunca havia estado em um lugar onde todos pareciam viver em férias e, se queria pertencer ao mundo deles, precisava se educar.

Então, caminhando em sua direção, ela viu John Jacob Astor e a esposa. Que casal mais elegante! Os dedos longos e estreitos da mão esquerda da sra. Astor repousavam suavemente no braço do marido e seu rosto, voltado na direção do sol poente, banhava-se naquela luz. Tess não conseguiu tirar os olhos dos dois, fascinada por essa primeira visão do que eram os trajes a bordo para os muito, muito ricos. Ele usava uma calça com pregas imaculadas e um cardigã de lã de cabra angorá sobre uma camisa impecável, com gravata. Ela, por sua vez, pouco se importava com tal descontração — seu vestido de seda verde-clara, tão perfeito contra sua pele cintilante e seus cabelos de um

tom suave de chocolate, atraía olhares invejosos das outras mulheres. Os homens que passavam cumprimentavam os dois com a cabeça e alguns lançavam olhares igualmente invejosos para o sr. Astor.

— Ele arrebanhou um belo troféu depois do escândalo daquele divórcio conturbado — um deles falou baixinho ao ouvido de outro.

Algum tempo depois, sob os primeiros sinais do que certamente seria um pôr do sol espetacular, ela copiou o vagaroso caminhar deles pelo deque, tentando imitar o deslizar de cisne da sra. Astor. Os outros passageiros haviam desaparecido para suas cabines de luxo a fim de se arrumar para a noite. Como aquela mulher afortunada fluía com tanta naturalidade? Tess tentou, mas não conseguiu obter o mesmo efeito com seus passos largos e apressados.

Ouviu um risinho e olhou por cima do ombro. Um marinheiro a observava. E, sim, era o mesmo que havia limpado em silêncio a sujeira que ela tinha feito ao derramar o chá. Alto, mais ou menos da sua idade, de certo modo magro, mesmo com aqueles ombros largos. Seu cabelo era desalinhado, mas partido de lado com uma confiança descuidada. E seus olhos eram tão cálidos e alertas quanto ela se lembrava — daqueles aos quais nada escapava. Eram profundos e azuis como o mar.

— Nada mau, mas você fica melhor andando do seu próprio jeito — comentou ele. — Não quer dar com o nariz no chão, quer?

Tess levantou o queixo.

— Isso não tem a menor chance de acontecer — retrucou ela, acrescentando: — Obrigada por ter limpado a bagunça que fiz naquele outro dia.

— Você lidou bem com aquilo. Saiu de modo decente, não houve risadas com a sua saída.

— O conselho da minha mãe foi sempre manter a cabeça erguida. Ele assentiu.

— Na primeira vez que você deixá-la cair, alguém vai colocá-la ainda mais para baixo. Não se engane com essa gente. São apenas uns ricos metidos.

— A sra. Astor tem graça genuína — rebateu Tess.

— Talvez tenha, mas você também tem — disse ele com gentileza, analisando o rosto dela. — Apenas não sabe disso. — Ele deu um passo para diante e dobrou o braço. — Que tal um passeio? — perguntou, meio zombeteiro.

Depois de um pequeno instante de hesitação, ela aceitou o convite. Eles andaram alguns passos, sozinhos no deque, enquanto o céu se transformava em tons de laranja e dourado, e depois, rindo, ele a fez saltitar. Uma bolha de prazer encheu o peito de Tess. Ela poderia se soltar, só por alguns segundos, não poderia?

Só por um instante, um instante rápido. Quando pararam, ele levou um dedo aos seus lábios.

— Tenha um bom dia, senhora — disse ele, bem-humorado. — Está vendo? Você sabe brincar, também. E não vou contar nada a ninguém. — Ele voltou ao trabalho, assoviando enquanto se inclinava para apanhar uma pesada corda enrolada e a atirava em seguida sobre o ombro.

É um garoto do interior, disse Tess a si mesma enquanto se inclinava sobre a amurada e observava a dança das luzes nas águas. A diferença é que ele é uma versão do mar, mais garboso do que a maioria. E com olhos lindos.

Ela ficou ali por um longo tempo, fascinada com a amplidão das águas que se estendiam até o horizonte vermelho em chamas. Sentia-se cheia de ardor — sem saber pelo quê. Mas se escutasse com atenção, podia ainda ouvir o assovio sedutor e melancólico dos trens que saíam do vale e se dirigiam ao mundo mais amplo, quando ela era pequena. Sempre desejara estar no interior de um deles. A maioria das pessoas resmungava, com desaprovação ou raiva, quando ela falava em ir embora. Ainda bem que ela havia percebido cedo, de alguma maneira, que elas basicamente tinham medo. E nunca, jamais ela se permitiria sentir medo.

Tess jantou sozinha em sua cabine, ouvindo a música distante da orquestra no salão de jantar da primeira classe. Por volta das 22 horas, saiu até o deque para caminhar sob as estrelas, desfrutando da solidão, e não resistiu à vontade de dar uma espiada furtiva no salão de jantar. Como era imenso, da largura do navio inteiro, foi o que lhe

havam dito. As paredes e os pilares graciosos eram de um branco leitoso; as cadeiras, cobertas por um veludo verde-esmeralda suntuoso. Taças de vinho cintilavam com o brilho das luminárias brancas sobre as mesas, e sua luz atravessava as janelas altas e arqueadas que se abriam para o deque D. Como era lindo. Todos aqueles homens e mulheres confiantes, a maioria em trajes de noite, rindo, erguendo os copos de conhaque. Ela se viu tentando imaginar suas histórias.

Lá estava aquele casal que embarcara antes dela, ambos sentados sozinhos, com as cabeças próximas, sussurrando. Eram dançarinos, foi o que lhe contou a madame — Jean e Jordan Darling —, sim, ágeis, lindos, voltando a Nova Iorque para participar de um espetáculo na Broadway e, todos diziam, genuinamente apaixonados. “Já passaram um pouco do seu auge”, declarara a madame com displicência. “Eu já a vesti para diversas exposições, mas suspeito que ela não possa mais pagar pelos meus serviços.” E lá estava aquele homem belo com casaco marrom que ela havia encontrado na academia. Com roupa de noite, ele acabava de deixar a mesa do capitão, o que significava que também devia ser importante. Seu nome, dissera-lhe a madame quando descreveu as pessoas mais importantes que estavam a bordo, era Jack Bremerton. “Um milionário de Chicago. Ninguém sabe ao certo como fez fortuna”, explicara ela. “Com transações bancárias, ou algo igualmente sombrio. Teve várias esposas. Dizem as más línguas que está se separando da atual.”

Um comissário do salão de jantar, carregando uma bandeja cheia de copos passou por Tess de supetão e a desequilibrou. Ele balançou e a bandeja caiu de suas mãos com um estrondo tremendo. Nesse mesmo instante, o presidente da White Star Line caminhava em direção a um canto do deque para falar com um dos oficiais do navio. De roupa de gala, ele parecia mais ainda um guindaste. A bandeja se estatelara no chão, respingando conhaque na roupa de Bruce Ismay enquanto os copos se espatifavam em fragmentos.

— A culpa foi dela, senhor — disse o comissário, pensando rápido, apontando para Tess. — Outro dia mesmo ela deixou cair um serviço inteiro de chá.

— Isso foi muito desastrado da sua parte, mocinha — vociferou o oficial. — Deus, foi você mesmo que provocou todo aquele desastre? Por que não estava olhando por onde ia?

— Lamento — disse Tess, surpresa.

— Você precisa se desculpar com o sr. Ismay, que, caso não saiba, é o presidente desta empresa de navegação — informou o oficial. — Você é a empregada de Lady Duff Gordon, não é? Com certeza recebeu um treinamento melhor do que esse.

— Não vou me desculpar, senhor, pois não fiz nada de errado. Lamento pelo acidente, mas não fui a culpada.

— Você não vai se safar dessa, mocinha. Serei obrigado a conversar pessoalmente com Lady Duff Gordon sobre seu comportamento.

— Eu não fiz nada — protestou Tess, cada vez mais abismada.

Uma voz cortou a escuridão, vinda da amurada.

— Na verdade, o comportamento dela é bem melhor que o de vocês, e suspeito que o equilíbrio também. Acredito que o senhor é quem deve desculpas a ela, oficial. O senhor tem o costume de censurar as jovens? Ou apenas aquelas em função subalterna?

Corado, o oficial se voltou para o comissário.

— Vá apanhar um pano e limpe isso tudo — ordenou ele. Enquanto o comissário saía apressado, o oficial e Ismay se afastaram. Tess ainda ouviu o oficial dizer: — Essas contratações de última hora, o senhor sabe como é...

— Essa foi uma cena e tanto, não?

Tess olhou para trás e viu o misterioso sr. Bremerton. Ele, que havia deixado a mesa do capitão, estava de pé perto da amurada, elegante e lindo com sua roupa de gala.

— Jovens oficiais com poder nas mãos, uma das pragas do mundo. — Ele balançou a cabeça. — Mas foi uma boa lição. A posição social não torna ninguém um cavalheiro. Nem as roupas de gala, aliás. Você já sabe disso, imagino.

Ela sabia, mas talvez não fosse sábio dizer aquilo naquele momento.

— Eu só não queria nenhuma confusão — disse ela.

— Você não se curvou. Para isso é preciso tutano.

— Eu precisava me defender.

— Senão o que aconteceria? — Ele a encarou, atento.

— Senão isso simplesmente se repetiria. — Muitas e muitas vezes.

Mas não adiantava tentar explicar a ele.

Ele inclinou-se ligeiramente em sua direção.

— Muito inteligente. Fico feliz em ver você. Desde que nos conhecemos na sala de ginástica, não parei de pensar que deveria ter lhe perguntado o seu nome. Posso perguntar agora?

Tess sorriu. Ele devia achar que ela ficara toda dolorida depois de andar naquele camelo.

— Meu nome é Tess Collins.

Ele a examinou.

— Bem, como parece que estamos sempre nos encontrando, deixe que me apresente a você. Sou Jack Bremerton, e não tenho intenção de julgar ninguém, para dizer a verdade. O que está achando da nossa viagem até agora?

— Estou adorando, sr. Bremerton — respondeu ela, andando até o gradil da amurada onde ele estava. — É um banquete para os olhos e para as mãos.

— Para as mãos?

— Adoro tocar os cortinados, as toalhas de seda e todos os lindos tecidos, e pensar onde eu os aplicaria, como eu os cortaria e montaria.

— Você parece ter vontade de ser estilista também.

— Um dia vou ser. — Dizer essas palavras a um estranho fez com que ela acreditasse um pouquinho mais nas suas possibilidades.

— Uma dama disposta a se defender tem uma dignidade capaz de levá-la longe. A propósito, pode me chamar apenas de Jack.

— Não me sinto à vontade fazendo isso, sr. Bremerton. — Ela experimentou a palavra na sua cabeça. *Jack*.

— Aceito isso, srta. Collins. — Ele sorriu. — Espero que em algum momento você mude de ideia. Não está uma noite linda? Olhe só essas estrelas.

— São esplêndidas. — Os dois estavam tão próximos que ela podia sentir o suave cheiro almiscarado da loção de barbear dele. Será que isso estava realmente acontecendo? Será que esse homem impressionante e poderoso realmente estava conversando com ela?

— É um prazer observá-las ao seu lado. — Ele olhou para trás, na direção do salão de jantar. — É tudo enfadonho demais ali dentro, sabe? Saí depois dos *magrets* de pato, não gosto de figos. Nem de martínis com ostra. Parece tudo lindo daqui de fora, mas nada cintilava tanto quando você está ali olhando de perto.

— O senhor sabe que não posso entrar lá, não é?

— É o que eles dizem. — Ele pareceu pensar no assunto. — E nós, concordamos com isso?

— Como assim?

— Que um bando de esnobes possa negar sua entrada naquele salão entediante?

— Eles podem fazer as regras que quiserem, não cabe a mim decidir.

— Bem, eu discordo.

Ela estremeceu. Haveria algum modo de dizer a ele que, no fundo, num cantinho bem escondido, ela tinha aquele mesmo pensamento rebelde?

Ele estendeu o braço para ela, com olhos observadores, mas que nada revelavam. Antes que ela se desse conta, ele a estava guiando pelas portas de vidro até o interior daquele salão de jantar mágico. Com uma mão displicente, ele fez um gesto para o salão.

— Cá está você, srta. Collins. Devo solicitar a vinda de um garçom para pedir duas taças de champanhe?

Ah, como o carpete era macio! E agora ela podia estender a mão e de fato tocar uma das cadeiras de veludo. Podia inspirar o aroma de diversos perfumes, ver os pratos com bordas de ouro repletos de comidas exóticas, ouvir a conversa e a risada que ondeavam pelo salão bem-comportado, risadas cujo som parecia o das ondas do mar. Tanta coisa, de uma só vez. Garçons trajados de branco movimentando-se solícitos entre as mesas; anéis de diamante cintilando toda vez

que uma taça era erguida; homens cortejando mulheres com vestidos decotados. Ela não reconheceu a música que a orquestra estava tocando, mas a adorou e sabia que jamais iria esquecê-la.

E então viu Cosmo e a madame. *E se eles a vissem ali?*

Ela se virou rápido e andou de volta até a porta.

— Não posso ficar aqui — disse, corando profundamente.

Bremerton não fez objeção, simplesmente a seguiu de volta até o deque.

— Sou um homem de apostas, srta. Collins — disse ele em voz baixa quando tornaram a ficar sob as estrelas. — Depois de vê-la enfrentando aquele imbecil nesta noite, posso fazer uma previsão? Quando chegar aos Estados Unidos, não vão mais fechar a porta dos salões de jantar para você. E você não vai mais precisar carregar bandejas por muito tempo.

— Talvez porque eu estarei ocupada demais aprendendo a jogar *squash* — disse ela, subitamente encorajada.

Ele riu.

— Bom, isso não é muito popular no meu país. Estou feliz porque em breve estarei de volta, sem dúvida. Sem querer ofender, mas eu me canso da Europa. É tudo chato demais. Lento demais.

— Que tipo de trabalho o senhor faz? — arriscou ela, hesitante.

— Agora estou implementando filiais para vender o Modelo T.

Ele viu a confusão no rosto dela. Um carro a motor, explicou ele. Mas, mais que isso, o automóvel dos Estados Unidos. Uma obra-prima para as massas, na verdade, e Henry Ford, o homem que o criou, era um gênio. Ele tinha planos para construir uma linha de montagem, e em breve estaria produzindo um automóvel a cada noventa minutos.

— Impressionante. — Ela sabia que devia ir embora logo, mas não queria.

— Você me fez falar bastante hoje — disse ele, pensativo, olhando para o mar escuro. — Talvez sejam as estrelas. Existe algum rapaz à sua espera nos Estados Unidos?

Ela fez que não.

— Não, não preciso disso. A madame irá me ajudar a conseguir trabalho.

— Aposto em você. Aliás, quero lhe dizer uma coisa: eu também não sei jogar *squash*. Tenha uma boa noite, e creio que encontraremos oportunidade para conversar novamente. — Ele estendeu a mão e tocou a dela levemente. Depois fez um aceno e se afastou.

Ela pôs-se a caminhar de volta para a cabine, em seguida parou e olhou para trás. Jack também havia parado.

— Boa noite de novo — disse ele.

— Boa noite.

Ela não conseguiu pensar em nada mais para dizer. Inspirando mais uma vez o ar noturno gelado, dirigiu-se para sua cabine. Ela tivera uma conversa com um cavalheiro que não estalara os dedos para que ela o servisse nem quisera erguer sua saia. Alguém com educação e boas maneiras, que a tratara de igual para igual. Certamente rico. Como seria ser rico? Ah, sim, ela esperava mesmo que eles voltassem a conversar. Ele obviamente era culto; saberia muito mais do que ela sobre livros, música e teatro. Tivera muita vontade de passar mais tempo com ele naquela noite se aquilo não parecesse impróprio. E por que ela tinha a sensação empolgante de que ele sentira o mesmo?

Desceu a escada depressa, consolando-se com a perspectiva de um excepcional prazer à sua espera — pois em sua cabine estava um dos mais lindos vestidos que ela jamais havia imaginado, muito menos possuído.

Pouco antes de sair para o jantar, Lady Duff Gordon havia tirado de seu baú um lindo vestido de seda embrulhado cuidadosamente em papel de seda e o entregara a Tess. O tecido era macio como uma nuvem, cuja trama fora urdida com esmero num *dégradé* que passava do tom lavanda claríssimo do corpete até o roxo nobre da saia.

— Aqui, querida, algo elegante e bonito para você — dissera ela.

Tess estava perplexa.

— Para mim?

Lady Duff Gordon, parecendo satisfeita consigo mesma, já estava saindo pela porta, deixando para trás uma rica nuvem de perfume.

— Por que não? — cantarolou ela por cima do ombro.

Tess levou o vestido até a luz, maravilhada com a confecção. Que costura mais habilidosa. Depois se envolveu em seu conto de fadas. Colocou seu belo vestido e rodopiou ao som da música, fingindo que também ela estava na pista de dança, com Jack Bremerton, e desejando que sua mãe pudesse vê-la agora, nesse minuto, à beira de uma nova vida repleta de imensas possibilidades. Ela precisava escrever para sua família assim que chegasse a Nova Iorque. No porto de Cherbourg havia anotado o endereço da sua mãe para um dos empregados de madame, pedindo-lhe que contasse a seus pais para onde ela viajara. Mas a atitude dele tinha sido meio desdenhosa e Tess, que já estava adormecendo pouco antes da meia-noite, imaginou se o recado tinha sido dado... Seus olhos se fecharam. Na manhã seguinte haveria muito tempo para pensar no assunto.